

O dia 17 de janeiro de 2024 começou com os habitantes do coletivo 3 sendo revistados. O cabo Rodríguez revistou John levemente, só parando ao encontrar suas canetas e pedaços de papel no bolso direito da calça, e mal tocando sua mochila. Entre Parra e Leal, Fuentes berrou seu clássico “Gringo!” John o cumprimentou, mas nem olhou para o maligno Parra ou para Leal. Pegou o pão e o ovo cozido—que havia rachado a casca durante o preparo—afastou-se e organizou tudo sobre sua mesa no pátio. Era uma manhã leve. Depois do café da manhã e de praticar um pouco de italiano com Pifi, John adiantou boa parte de sua escrita cedo, pegou o xadrez e leu mais do panfleto intervencionista de E. Michael Jones em *Barren Metal: A History of Capitalism as the Conflict Between Labor and Usury* (2014)—onde Jones demonstra simpatia por tarifas protecionistas, ecologia radical, e sindicatos. Jones também criticou duramente o sistema privado chileno de previdência social e seu criador, o libertário José Piñera (que John conhecia pessoalmente), e o famoso “Chicago Boy” Sergio de Castro, que trabalhou no governo Pinochet após estudar com Friedman na Universidade de Chicago—com bolsa financiada pelo contribuinte (págs. 1312-1313). Jones também detestava a Sociedade Mont Pelerin (pág. 1311) e a intervenção da CIA em nações hispano-americanas supostamente comunistas. Jones realmente desprezava os Chicago Boys católicos corrompidos fixados na Universidade Católica de Santiago e sua “agenda anti-governo e pró-livre-mercado” (pág. 1312), que teria derrubado as “super bem sucedidas” políticas desenvolvimentistas keynesianas dos anos 1960 no Chile (pág. 1311). Jones não poderia estar mais errado sobre o Chile, uma economia quebrada nos anos 60 que se deteriorou durante o comunismo de Allende no início dos anos 70. Pinochet e os Chicago Boys salvaram o Chile desse desastre e trouxeram prosperidade ao país, superando outras nações hispano-americanas. John fechou o livro de Jones—cheio de falácias, espantalhos e até mentiras—pela última vez. Já estava no Chile há vinte e oito anos e—ainda que crítico daquela sociedade corrupta e mentirosa—não perderia tempo lendo preconceitos ou absurdos criticando seus avanços socioeconômicos óbvios para qualquer um que vivesse lá desde os anos 80. O Chile tinha muitos problemas e injustiças e corrupção, mas o libertarianismo não era a raiz disso. Pelo contrário, o melhor do país era devido a políticas libertárias, enquanto os principais males eram frutos do estatismo e da intervenção. John não negava que os Chicago Boys erraram em certos pontos ou não foram longe o bastante em outros. Mas que erro maior existe do que ter um estado? Longe de melhorar a vida da maioria, nenhuma instituição humana foi tão assassina, belicosa, voraz, ladra (legal ou não), corrupta, injusta e pervertida quanto o estado. Ao se concentrar no saque dos judeus ou até dos reformados, inclusive evangélicos, Jones ignorava o elefante na sala. Ademais, igrejas alinhadas ao estado têm sido algumas das piores criminosas, superadas apenas pelos comunistas. Alianças igreja-estado católicas romanas e ortodoxas russas, por exemplo, provam séculos desses abusos.